

GRAMÁTICA COMPARADA VS. FONOLOGIA MODERNA:

Contrastes metodológicos

COMPARATIVE GRAMMAR VS. MODERN PHONOLOGY:

Methodological Contrasts



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 27/12/2025

Aprovação do trabalho: 3/08/2026

Publicação do trabalho: 2/09/2026

Aldo Matheus do Nascimento Silva 
aldo.matheus@arapiraca.ufal.br
 Universidade Federal de Alagoas

Josefa Arruda Silva Neta 
josefaarruda35@gmail.com
 Universidade Federal de Alagoas

José Anilton Alves da Silva 
alves.anilton@gmail.com
 Universidade Federal de Alagoas

COMO CITAR

SILVA, Aldo Matheus do Nascimento; SILVA NETA, Josefa Arruda; SILVA, José Anilton Alves da. GRAMÁTICA COMPARADA VS. FONOLOGIA MODERNA: Contrastes metodológicos. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 45-59, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrascreve/article/view/1284>.

Resumo

Até alcançar a cientificidade, a Linguística passou por sucessivas fases, abordagens e métodos diferentes ao longo da história. Entre essas fases, destacam-se a Gramática comparada, com uma abordagem histórica e como uma das primeiras tentativas sistemáticas de investigação linguística, e a Fonologia moderna, com uma abordagem sincrônica do funcionamento do sistema linguístico. Em vista disso, o presente artigo tem como objetivo analisar e comparar os métodos da Gramática comparada e da Fonologia moderna, verificando divergências, rupturas, continuidades e as contribuições dos referidos paradigmas para os estudos linguísticos. Para tanto, inicialmente, faz-se um percurso sobre os métodos da Gramática comparada, abordando seu contexto histórico, seus objetivos, concepção de língua, níveis de análise, principais representantes etc. Em seguida, a partir do estruturalismo saussuriano, do círculo de Praga e do gerativismo, discorremos sobre os métodos da Fonologia moderna. Na sequência, realiza-se uma análise comparativa sobre os dois métodos, sintetizando os principais pontos de cada abordagem metodológica. Por fim, destaca-se a relevância e contribuição de ambos para o refinamento epistemológico quanto ao desenvolvimento da ciência linguística.

Palavras-chave: Gramática comparada; Fonologia Moderna; estudos linguísticos.

Abstract:

Until it achieved scientific status, Linguistics went through successive phases, approaches, and distinct methods throughout history. Among these phases, Comparative Grammar, with a historical approach and one of the first systematic attempts at linguistic investigation, and Modern Phonology, with a synchronic approach to the functioning of the linguistic system, stand out. In this context, the present article aims to analyze and compare the methods of Comparative Grammar and Modern Phonology, identifying divergences, ruptures, continuities, and the contributions of these paradigms to linguistic studies. To this end, the article first traces an overview of the methods of Comparative Grammar, addressing its historical context, objectives, conception of language, levels of analysis, main representatives, among other aspects. Then, based on Saussurean structuralism, the Prague Circle, and generativism, it discusses the methods of Modern Phonology. Next, a comparative analysis is carried out between the two methods, synthesizing the main points of each methodological approach. Finally, the relevance and contribution of both are highlighted in relation to the epistemological refinement of linguistic science.

Keywords: Comparative grammar; modern phonology; linguistic studies.

Considerações iniciais

Ao longo da história dos estudos linguísticos, diversas abordagens teórico-metodológicas foram desenvolvidas com o intuito de compreender a estrutura e o funcionamento das línguas. No século XIX, a Gramática Comparada destacou-se como uma das primeiras tentativas sistemáticas de investigação linguística científica (Robins, 1988; Martelotta, 2012), tendo como foco principal o estabelecimento de relações genealógicas entre as línguas por meio da comparação de formas fonológicas e morfológicas (Linhares, 2015). Ancorada em pressupostos históricos e evolucionistas, essa abordagem buscava reconstruir as línguas-mães e descrever processos fonológicos recorrentes entre idiomas aparentados.

Com o advento do estruturalismo europeu, especialmente após as formulações de Ferdinand de Saussure (2012), uma nova concepção de linguagem passou a orientar os estudos linguísticos: a língua como um sistema sincrônico de valores diferenciais. A partir desse marco, novas correntes teóricas, como a fonologia estrutural (Bloomfield, 1933; Jakobson, 1967; Pike, 1947; Trubetzkoy, 1973) e, mais tarde, a fonologia gerativa e os modelos não lineares (Chomsky; Halle, 1968; 1973), deslocaram o foco da comparação histórica para a análise formal e abstrata das estruturas linguísticas, o que implicou também uma transformação nos métodos e objetos de análise.

Nesse contexto, levanta-se uma questão central: quais rupturas e permanências metodológicas podem ser observadas entre a Gramática Comparada do século XIX e os métodos da Fonologia Moderna? A presente pesquisa propõe-se a responder a essa indagação por meio de uma análise comparativa dos procedimentos metodológicos adotados em ambas as tradições teóricas, considerando suas respectivas finalidades, técnicas descritivas e pressupostos epistemológicos.

O objetivo geral deste estudo é comparar os métodos da Gramática Comparada com aqueles utilizados pela Fonologia Moderna – desde Saussure e os estruturalistas até os modelos gerativos –, com o intuito de constatar tanto as continuidades quanto às inovações que marcam a evolução do pensamento fonológico. Para isso, adota-se uma abordagem historiográfica de natureza comparativa, com base na leitura crítica de obras representativas das diferentes correntes teóricas analisadas.

A relevância deste trabalho reside na necessidade de compreender como os métodos linguísticos se transformaram ao longo do tempo, respondendo a diferentes paradigmas científicos e a distintas concepções de linguagem. Nessa ótica, tal investigação contribui não apenas para o aprofundamento teórico dos estudos fonológicos, mas também para a reflexão sobre os caminhos metodológicos disponíveis para a pesquisa linguística contemporânea.

Para tanto, o trabalho está estruturado em quatro seções principais, além das considerações iniciais. Na segunda seção, intitulada *Métodos da Gramática Comparada: descrição e crítica*, apresentam-se os fundamentos, os procedimentos e os limites dessa abordagem do século XIX. Em seguida, na terceira seção, *Métodos da Fonologia Moderna: desenvolvimento e inovações*, discutem-se os principais marcos metodológicos que caracterizam a fonologia desde o estruturalismo até os modelos recentes.

A quarta seção é dedicada à *comparação e discussão sobre os métodos*, na qual se analisam convergências e divergências entre os dois campos. Por fim, nas considerações finais, retomam-se os principais resultados e implicações da análise empreendida.

1 Métodos da gramática comparada: descrição e crítica

É sabido que os estudos linguísticos tiveram, ao longo da história da humanidade, preocupações e abordagens diferentes para teoria, descrição e análise das línguas, inclusive passando por, pelo menos, três fases sucessivas antes de reconhecer, de fato, qual o seu verdadeiro e único objeto, segundo Saussure (2012). Nessa perspectiva, ainda com base no linguista suíço, a primeira fase era chamada de “Gramática”, momento marcado por estudo desprovido de qualquer visão científica tendo por precursores os gregos e baseando-se na formulação de regras para distinção de formas corretas e incorretas (Saussure, 2012).

A segunda fase era chamada de “Filologia” que, nas palavras de Saussure, quer, antes de mais nada, fixar, interpretar, comentar os textos. Em outras palavras, esse ramo de investigação detém-se à comparação de textos de diferentes épocas, de modo a “determinar a língua peculiar de cada autor” (Saussure, 2012, p. 7), decifrando e explicando questões em uma língua – nos termos saussurianos – arcaica ou obscura. A terceira fase, por fim, começou quando foi descoberto que as línguas podiam passar por um processo de comparação entre si, tendo origem na Filologia Comparativa ou na Gramática Comparada (Saussure, 2012). Nesse sentido, o foco desta seção do artigo recairá sobre a última fase mencionada.

Linhares (2015) aponta que a maior façanha em relação aos estudos linguísticos do século XIX foi o desenvolvimento do método comparativo¹, resultando, *grosso modo*, em “conjuntos de princípios pelos quais as línguas poderiam ser comparadas no que se refere a seus sistemas fonético, lexical, morfológico, a fim de demonstrar que tinham ligações genealógicas” (Linhares, 2015, p. 34). Em consonância a isso, é importante destacar que o período de estudos concernentes à gramática comparada é considerado um relevante momento na constituição da Linguística enquanto ciência, sendo esse período influenciado pelas mudanças advindas do Iluminismo e formalizadas pela Revolução Francesa (Milani, 2008, p. 8), concorrendo para a gênese das ciências modernas até então não emergidas.

O século XIX, conforme afirmação fortemente apregoada na história da linguística, foi o período dos estudos comparatistas e históricos das línguas, sobretudo as indo-europeias. A esse respeito, Robins (1988) aponta que tal assertiva é plenamente justificável, no entanto não significa que outrora não se tenham realizados estudos históricos com base na comparação de línguas ou ainda que outros domínios de investigação linguística tenham sido esquecidos durante o século XIX.

¹ Segundo Paveau e Sarfati (2006), a denominação “Gramática Comparada” designa, de modo tradicional, os desenvolvimentos da linguística durante o século XIX, mais especialmente no período que vai de 1810 a 1875, podendo ser considerada, para Milani (2008), o primeiro método de pesquisa dos estudos sobre linguagem.

O mesmo autor defende que o século XIX “[...] assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio lingüístico da maior parte dos esforços e talento dos lingüistas” (Robins, 1988, p. 132).

Para se tornar um campo de estudos profícuo, a gramática comparativa precisou abandonar os postulados que subjaziam a tradição gramatical de orientação grega. Além disso, com o surgimento das ciências modernas – a partir das descobertas de Copérnico, Galileu, Newton, dentre outros –, a visão aristotélica já vinha sendo submetida a sérios abalos, sobretudo a partir do século XVII (Linhares, 2015). É indubitável que a gramática comparada teve suas origens no século XVII, contudo se fortaleceu, apenas, na primeira metade do século XIX (Linhares, 2015) na Alemanha. Em consonância a isso, Martellota (2012) também defende que,

na primeira metade do século XIX, toma força na Alemanha uma tendência nova de estudar as línguas da chamada *gramática histórico-comparativa*, que pode ser definida, em linhas gerais, como uma proposta de comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram. Essa nova abordagem dos fenômenos da linguagem surgiu a partir da constatação da semelhança do sânscrito, língua antiga da Índia, com o latim, com o grego e com uma grande quantidade de línguas europeias. Essa semelhança pode ser ilustrada com os termos correspondentes ao sentido da palavra “mãe” (mulher que gera filhos): *maatar*, em sânscrito; *māter*, em latim; *mētēr*, em grego; *mother*, em inglês, *mutter*, em alemão (Martelotta, 2012, p. 47-48, grifos do autor).

Com base no excerto, destaca-se que os estudiosos desse período voltam seus estudos às línguas indo-europeias, considerando tais línguas como sendo da mesma família com origem em comum, o Indo-Europeu, caracterizando, assim, a chamada protolíngua. Para a caracterização dessa língua-mãe, os gramáticos comparatistas tinham por intento observar como os sons mudavam diacronicamente, isto é, através do tempo. Em outras palavras, os linguistas dessa fase objetivam entender como as mudanças podiam lançar luz ou revelar relações genealógicas entre línguas, sendo o estudo focalizado valendo-se da fonética histórica a partir de sons concretos e articulatórios².

Segundo Robins (1988) e Linhares (2015), os estudos lingüísticos comparatistas e históricos do século XIX também foram marcados por muitos avanços e refinamentos teóricos e metodológicos, até então não vistos com a sistematicidade necessária, sendo esse momento dominado, em grande parte, pela erudição alemã.

Como todo e qualquer campo do saber, a gramática comparada – para o seu desenvolvimento

² É importante mencionar que a noção moderna que se tem hoje de “fonema”, enquanto unidade abstrata da fonologia a qual pode ter várias realizações (alofones), ainda não fazia parte do escopo dos estudos comparatistas nesse período inicial do século XIX. Nesse sentido, essa noção só se desenvolveu *a posteriori*, com a fonologia estrutural do século XX (especialmente com Ferdinand de Saussure e a Escola Linguística de Praga), conforme será visto na próxima seção.

– contou também com inúmeros pesquisadores, podendo ser citados, pelo menos, três famosos linguistas do século XIX: os alemães Franz Bopp (1791-1867) e Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) e o dinamarquês Rasmus Kristian Rask (1787-1832).

O linguista dinamarquês R. Rask é considerado o primeiro pesquisador a fazer progressos quanto à técnica da comparação histórica (Linhares, 2015). Ele, nas palavras de Paveau e Sarfati (2006, p. 41), “aparece, antes de tudo, como um herdeiro do século XVIII, e, notadamente, do racionalismo empirista marcado pela descrição e pela classificação dos dados”. A importância desse estudioso reside no fato de que, antes mesmo de Grimm, ele já havia identificado mudanças fonéticas sistemáticas entre o germânico e outras línguas indo-europeias.

Contudo, esse linguista recusava-se a acreditar na hipótese de uma protolíngua (Paveau; Sarfati, 2006) – ou língua mãe – diferentemente de outros estudiosos da época. O dinamarquês, por exemplo, foi rigoroso em seu método: acreditava que apenas semelhanças sistemáticas e regulares – e não apenas vocabulário parecido – poderiam provar uma relação genética entre línguas, sendo essa ideia desenvolvida, com mais afinco, por Grimm.

O segundo grande nome desse movimento foi Grimm. Depois de leituras sobre o trabalho de Rask,

Grimm apresenta pela primeira vez a lei que tem o seu nome na segunda edição de sua *Deutsche Grammatik* (1822). Após ter lido o trabalho de Rask, Grimm elaborou tal lei, introduzindo-a no capítulo que trata das ‘letras’ (*von den Buchstaben*). Sob a perspectiva atual, o valor histórico da formulação de Grimm consiste em ter ela construído a primeira das leis fonéticas que iriam configurar a base e estrutura da família indo-européia e de outras famílias linguísticas. Tal formulação, que ainda é a mais bem conhecida das regras sobre correspondências fonéticas dentro do bloco indo-europeu, compara as línguas germânicas com outras línguas indo-europeias, estabelecendo correlações entre diferentes séries de consoantes. Para mostrar a existência dessas correlações, Grimm comparou o grego, o gótico e o antigo alto alemão (Robins, 1988, p. 138, grifos do autor).

Em outras palavras, o pesquisador objetivou, de acordo com Martellota (2012, p. 50), interpretar correspondências fonéticas enquanto resultado de transformações históricas, enumerando, assim, “[...] algumas regularidades associadas a essas correspondências, que constituíram o que ficou conhecido com a Lei de Grimm”, embora, como bem pontua Robins (1988), Grimm nunca tenha feito uso do vocábulo “lei” quanto à descrição do que ele chamou de mutação fônica. Além disso, o linguista alemão, ainda que de modo incipiente, ao descrever padrões sistemáticos de mudanças nos sons consonantais das línguas germânicas em relação ao indo-europeu, consagrou-se ao defender que a mudança fonética é uma tendência geral, não sendo seguida em todos os casos, haja vista exceções e irregularidades na estrutura de algumas línguas³.

³ Mais tarde, no final do século XX, a corrente conhecida como Neogramáticos, bem como os estudos fonéticos

Franz Bopp, linguista alemão, foi um grande expoente do movimento em questão, sendo considerado, por sua obra *Sistema da Conjugação do Sânscrito* (1816), o fundador da gramática comparada (Martelotta, 2012; Linhares, 2015) ao estudar, de maneira sistemática, as relações comparativas que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, ao persa, por exemplo. Nesse estudo, Bopp observou incisivamente aspectos morfológicos, desenvolvendo, nas palavras de Martellota (2012, p. 50), “uma comparação metódica entre as principais famílias indo-europeias, abrindo espaço para a concepção histórica de gramática característica dessa época”.

Bopp pode ser caracterizado como um cientista de sua época que defendeu a ideia do organismo linguístico, isto é, as línguas nascem, se desenvolvem, mudam e, eventualmente, podem desaparecer, sendo essas conclusões extraídas em favor da hipótese da supremacia do sânscrito como língua mãe, sendo esse idioma o tronco cerne a partir do qual todas as línguas europeias seriam derivadas ao fim de uma extensa sequência de transformações (Paveau; Sarfati, 2006).

Diante da descrição apresentada, destaca-se que mesmo à época da gramática comparada e histórica se ter produzido grande conhecimento sobre a história das línguas, observando a partir da estrutura interna das línguas, valendo-se da fonética histórica, tem-se, como crítica, que o método em si não chegou a construir ou consolidar uma teoria consistente quanto à estrutura do funcionamento das línguas naturais (Martellota, 2012, p. 53). Ainda nessa perspectiva, os estudiosos do movimento: restringiram sua visão a uma abordagem meramente histórica do funcionamento gramatical, concebendo-o enquanto resultado de mudanças linguísticas regulares diacronicamente; e b) analisaram a língua, *grossa modo*, valendo-se de elementos isolados, detendo-se em seguir “[...] suas transformações sem observar o funcionamento desses elementos dentro dos sistemas linguísticos de que faziam parte (abordagem atomista)” (Linhares, 2015, p. 44), por meio de ênfase na fonética histórica entre as línguas.

Contudo, pode-se elencar que os cientistas da época, a partir de tal método, evidenciaram que as mudanças sonoras que as línguas sofrem, ao longo de sua história, são dotadas de certa regularidade, possuindo direcionamento e não sendo caóticas como se difundia. Com efeito, pode-se ratificar que o desenvolvimento dos métodos e estudos comparatistas e históricos contribuiu para o entendimento de como várias “línguas chegaram a ter as estruturas que hoje têm e, ainda, constatar que advêm de um mesmo tronco, o indo-europeu, logo, elas mantêm relação de parentesco” (Linhares, 2015, p. 45), não obstante algumas limitações metodológicas, sendo esse fato, para os estudos linguísticos do século XIX, um grande feito.

Portanto, na Gramática Comparada, a fonética assumiu papel central na investigação científica das línguas, uma vez que se dedicava ao estudo sistemático das transformações sonoras ocorridas ao longo do tempo. Por meio da observação rigorosa das correspondências fonéticas entre idiomas aparentados, tornou-se possível reconstruir formas linguísticas anteriores e compreender as leis

da outra metade desse século, expandem a abordagem de Grimm, incorporando, assim, a descrição da fonética articulatória a partir da ideia de que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares.

regulares que regem as mudanças fonéticas. Essa abordagem marcou o afastamento definitivo de uma análise puramente descritiva e empírica das línguas, consolidando a fonética histórica como instrumento fundamental para identificar as relações genealógicas entre diferentes sistemas linguísticos.

A fonologia, por sua vez, emergiu como uma dimensão complementar à fonética dentro da Gramática Comparada, ao concentrar-se na função e na organização dos sons no interior de cada sistema linguístico. Enquanto a fonética se ocupava das mudanças materiais e fisiológicas dos sons, a fonologia permitia compreender as estruturas abstratas que sustentavam essas transformações e distinguiam os sistemas sonoros de cada língua. A partir dessa distinção, tornou-se possível reconhecer que as alterações fonéticas não ocorrem de forma isolada, mas inseridas em um sistema de oposições e valores específicos.

Na seção seguinte, são apresentados os métodos da fonologia moderna, com destaque para seu desenvolvimento teórico e as inovações que marcaram a análise dos fenômenos sonoros da língua a partir do estruturalismo (fonêmica) e do gerativismo.

2 Métodos da Fonologia Moderna: desenvolvimento e inovações

O estruturalismo constituiu um movimento intelectual de grande relevância na Europa do início do século XX, influenciando diversas áreas das ciências humanas. No âmbito da Linguística, esse paradigma teve seu marco inicial com os trabalhos de Saussure, o *Curso de Linguística Geral* (2012), cuja contribuição promoveu uma profunda transformação na concepção teórica da linguagem. Entre as proposições fundamentais de Saussure, destaca-se a distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala), a partir da qual a linguagem passa a ser compreendida como um sistema estruturado de signos. A língua, enquanto sistema abstrato e social, manifesta-se concretamente nas realizações individuais da fala.

A partir das distinções fundamentais estabelecidas por Saussure (2012), os linguistas vinculados à Escola Linguística de Praga passaram a defender a necessidade de se diferenciar, de forma sistemática, os domínios da fonética e da fonologia, até então frequentemente tratados de maneira indistinta como a ciência dos sons da linguagem. De acordo com essa perspectiva, a fonologia deve ser compreendida como o ramo da linguística responsável pela análise das funções linguísticas dos sons, ou seja, dos fonemas enquanto unidades abstratas e distintivas no interior do sistema linguístico. A fonética, por sua vez, dedica-se à descrição articulatória, acústica e perceptual dos sons da fala em sua materialidade empírica, sendo Trubetzkoy (1973), em *Principles of Phonology*, que sistematizou de maneira decisiva essa distinção conceitual entre fonética e fonologia, marco que redefiniu os contornos analíticos da disciplina linguística no século XX.

Preservando a dicotomia língua/fala, os teóricos do Círculo Linguístico de Praga, em especial Trubetzkoy (1973), definiram o fonema como unidade mínima funcional e propuseram a análise de suas variações fonéticas, os chamados alofones. Contribuições notáveis desse grupo incluem os

conceitos de neutralização, isto é, a perda de uma oposição distintiva em determinados contextos fonológicos e de arquifonema, entendido como uma representação subjacente abstrata que mantém apenas os traços pertinentes diante da neutralização. Tal delimitação, conceituação do fonema como unidade discreta dotada de valor funcional, embora logicamente consistente dentro do modelo, viria a ser posteriormente problematizada pela teoria fonológica gerativa, cujas formulações trariam significativas reformulações⁴ à descrição dos sistemas sonoros.

Considera-se, então, na concepção estruturalista, que o fonema constitui a menor unidade segmentável do sistema linguístico capaz de exercer função distintiva no interior do signo. Embora os traços fonológicos representem unidades ainda mais elementares na composição do segmento, estes, isoladamente, não possuem significado, mas são dotados de valor distintivo – ou seja, são *significativos* dentro da estrutura da língua, uma vez que contribuem para a diferenciação entre unidades com função semântica. Esses traços, entretanto, não podem ser fragmentados em unidades menores com a mesma função.

A relevância distintiva de um segmento, sua pertinência fonológica, só pode ser observada dentro de um sistema de oposições, como se evidencia na análise de pares mínimos. Assim, a distinção entre fonemas torna-se funcional apenas em contextos contrastivos. Por exemplo, a presença do [s] na coda silábica da palavra *luz* não desempenha papel distintivo, sendo, portanto, não pertinente. Em contrapartida, a diferença entre /s/ e /z/ nas palavras em *onset* [*doze*] (*doze*) e [*dose*] (*doce*) é pertinente, pois a oposição entre os fonemas altera o significado da palavra, configurando um contraste fonológico significativo.

Contudo, duas limitações teóricas do modelo estruturalista ensejaram críticas que impulsionaram o advento da fonologia gerativa. Em primeiro lugar, o modelo demonstrava dificuldades em expressar generalizações sobre os sistemas fonológicos, uma vez que os fonemas eram tratados como entidades isoladas, apenas relacionadas aos seus respectivos alofones, sem que houvesse um mecanismo formal para representar relações entre os próprios fonemas. Em segundo lugar, questionava-se a noção de que o fonema seria a unidade mínima de análise fonológica, como supracitado. Essas limitações abriram caminho, portanto, para o surgimento de alguns dos pressupostos da fonologia gerativa.

O modelo gerativo, em seus fundamentos teóricos, foi consolidado a partir das contribuições de Noam Chomsky e Morris Halle, notadamente na obra *The Sound Pattern of English* (1968)⁵.

⁴ Como as regras ordenadas (a ideia de que uma regra fonológica pode aplicar-se antes ou depois de outra, alterando o resultado final) e o de representações multilineares – posteriormente refinadas pela fonologia autosegmental e pela fonologia de traços distintos.

⁵ No âmbito dos estudos gerativistas, observa-se uma ênfase significativa na figura do falante, a partir da distinção entre os conceitos “competência” e “desempenho linguístico”. A competência é entendida como o conhecimento tácito e internalizado que o indivíduo possui acerca do funcionamento de sua língua através de um sistema de regras gramaticais inatas armazenado em sua mente. Já o desempenho refere-se à manifestação concreta dessa competência no uso real da linguagem, sendo influenciado não apenas pelo conhecimento linguístico, mas também por fatores extralinguísticos, como as condições cognitivas momentâneas e o contexto sociocomunicativo em que a enunciação ocorre.

Segundo essa abordagem, os falantes de uma língua possuem uma estrutura linguística subjacente, ou profunda, que contém informações gramaticais fundamentais. Essa estrutura é transformada por meio de um conjunto de regras formais, resultando em estruturas de superfície, que correspondem às produções linguísticas observáveis. Nesse modelo, a representação fonológica é concebida como um nível abstrato e profundo da linguagem, enquanto a representação fonética corresponde ao nível superficial, diretamente ligado à realização articulatória.

A teoria fonológica gerativa proposta por Chomsky e Halle (1968) apresenta-se como uma ruptura significativa em relação ao modelo estruturalista, sobretudo no que diz respeito ao tratamento das representações fonológicas. Diferentemente da abordagem estruturalista, que pressupõe um nível fonêmico intermediário entre os fonemas e suas realizações fonéticas contextuais, o modelo gerativo elimina esse nível, adotando, por conseguinte, uma perspectiva mais abstrata e formalizada da relação entre a estrutura fonológica e sua manifestação fonética. Como observa Bisol (2010, p. 16), essa concepção redefine a arquitetura fonológica ao conferir maior complexidade à representação subjacente e ao afastar-se da linearidade característica do modelo anterior.

Conforme Chomsky e Halle (1968), há dois níveis das unidades lexicais de uma língua: um é a representação fonológica, sendo abstrata e subjacente ao nível fonético, além de conter informações previsíveis (idiossincrática), possuindo a relação entre som e significado; já o outro é a representação fonética, a qual isola propriedades acústicas e articulatórias dos fonemas e não contém informações previsíveis (não idiossincrática). Esses dois níveis de representação possuem relação, portanto, através de regras que se baseiam na informação previsível e acrescentam, retiram ou modificam os sons dependendo do contexto. Dessa forma, observa-se que, para a fonologia linear, em concordância com a fonologia não linear, as regras são essenciais para analisar e descrever uma língua.

Segundo os autores, a fala é uma combinação de conjuntos de traços distintivos⁶ que se relacionam de “um para um” entre os segmentos e as matrizes dos traços. Assim, os traços distintivos seriam as propriedades mínimas que formam os sons das línguas. Nesse modelo fonológico linear, os traços são binários sendo definidos por dois pontos na escala física, a saber, a presença (+) e a ausência (-) de uma propriedade. Os segmentos constituem-se em colunas de traços que compõem as matrizes (Chomsky; Halle, 1968). A oposição, por exemplo, entre os fonemas /f/ e /v/ pode ser representada pela presença ou ausência do traço [+vozeado], sendo /f/ [-vozeado] e /v/ [+vozeado].

Embora o modelo linear de Chomsky e Halle (1968) tenha resolvido problemas, como a reunião de vogais – líquidas e *glides* em uma única classe –, ainda possui falhas. Hyman (1975) comenta sobre a impossibilidade de relacionar consoantes labiais [-arredondado] com consoantes

⁶ Os traços distintivos surgiram a partir de Trubetzkoy (1973) através da classificação da natureza dos contrastes entre os fonemas que compõem os sistemas das línguas do mundo que, baseado em um número limitado de traços, observou os contrastes existentes nas línguas (Bisol, 2010).

labializadas [+arredondado], além da binaridade dado que os autores estudam três níveis de altura para as vogais⁷. Ademais, o modelo linear recebeu diversas críticas sobre as colunas de traços e a relação entre o segmento e a matriz de traços. Nesse sentido, o valor de cada traço caracteriza apenas um segmento e cada segmento é caracterizado por somente um valor de cada um dos traços (Chomsky; Halle, 1968).

Apesar das problemáticas do modelo linear, tem-se a explicação de vários fenômenos fonológicos que constroem e dão início às fonologias não-lineares (Teoria Autossegmental, Teoria Lexical, Teoria da Prosódica, Teoria Métrica, Teoria da Sílabas).

O modelo não linear propõe uma representação fonológica hierarquizada, na qual os traços não se restringem a um único segmento, podendo estar organizados em diferentes camadas ou níveis (*tiers*) e, assim, relacionar-se simultaneamente a mais de uma unidade segmental. Esse modelo possibilita, por exemplo, a representação de fenômenos suprasegmentais, como a nasalização ou a acentuação, os quais afetam grupos de segmentos ou se estendem além de fronteiras morfológicas.

Contudo, aponta-se que a transição do estruturalismo para a fonologia gerativa e, posteriormente, para os modelos não lineares, representa uma evolução teórica significativa, que amplia a capacidade explicativa da fonologia e oferece caracterização mais detalhada para a descrição dos fenômenos sonoros das línguas naturais. Assim, a fonologia gerativa não anula as contribuições do estruturalismo, mas amplia suas possibilidades analíticas.

Na próxima seção, será realizada a comparação e discussão entre os métodos supramencionados de modo a destacar as principais aproximações e distanciamentos entre as abordagens.

3 Comparação e discussão sobre os métodos

A produção do conhecimento científico é um processo complexo que está sempre em constante transformação. Através de idas e vindas, questionamentos teóricos, metodológicos e reflexões, o fazer científico vai se moldando através da permanência ou rupturas epistemológicas, sem anular totalmente aquilo que lhe precedeu. No âmbito dos estudos linguísticos, desde as primeiras manifestações de interesse em estudar a linguagem, diferentes paradigmas têm surgido, marcando, ao longo da história, perspectivas no que concerne à concepção, análise e explicação da língua e dos diferentes fenômenos linguísticos. Segundo Mathesius (1983),

o progresso na pesquisa científica é sempre completado metade pela aplicação dos velhos métodos confrontados com materiais e com problemas novos, e metade pela pesquisa de novos métodos que permitem lançar uma nova luz sobre antigos problemas e extrair novas descobertas a partir de antigos materiais (Mathesius, 1983, p. 121 *apud* Paveau, 2006).

⁷ O sueco, por exemplo, possui mais de três níveis de altura.

Nesta perspectiva, ao serem analisados os métodos da gramática comparada e da fonologia moderna nas seções anteriores, constatou-se que, embora compartilhassem interesses relacionados à sistematicidade das línguas e das regularidades sobre seus funcionamentos, os respectivos paradigmas divergem em alguns pontos. Em vista disso, e considerando o objetivo central deste trabalho, faz-se, nesta seção, uma comparação entre os métodos da gramática comparada e da fonologia moderna, a fim de discutir divergências, continuidades e inovações em relação aos procedimentos metodológicos adotados por ambas.

Os primeiros pontos contrastantes dizem respeito à visão de língua e ao objeto de estudo adotados. Os estudos linguísticos no âmbito da gramática comparada assumem a concepção de língua como organismo vivo e em evolução. Caracterizado como essencialmente histórico, o paradigma comparatista delimita como objeto de estudo as relações genealógicas entre línguas de mesma origem comum, com o objetivo de reconstituir e chegar à chamada protolíngua ou língua-mãe. Dessa forma, o pensamento linguístico predominante “enfocava a língua como uma realidade em transformação, entendendo a ciência da linguagem como apenas e necessariamente histórica” (Faraco, 2005, p. 95). Em vista disso, o método de análise focaliza elementos isolados, sobretudo nos níveis fonético e morfológico (palavras e formas gramaticais), a partir de uma abordagem predominantemente diacrônica.

Contrapondo-se à tradição da gramática comparada, a fonologia moderna, a partir do Estruturalismo, do Círculo Linguístico de Praga e do Gerativismo, assume como central e necessária a dimensão sincrônica na abordagem dos estudos linguísticos. Segundo Mathesius (1983), somente uma análise dos fenômenos que se produzem simultaneamente, em um dado momento, permite apreender a interdependência sincrônica que os relaciona ao sistema linguístico.

Nessa perspectiva, fundamentada na concepção de língua como um sistema estruturado, a fonologia moderna, diferente da gramática comparada, volta-se à análise do funcionamento do sistema linguístico, isto é, para sua organização interna, focalizando os fonemas como elementos dotados de traços distintivos importantes para o funcionamento do referido sistema. Essa abordagem é, pois, ampliada e inovada pelo modelo da fonologia gerativa que, para além da descrição, busca explicar como as representações são geradas e transformadas através de regras.

No que concerne aos métodos de descrição, os gramáticos comparatistas realizavam comparações empíricas através de formas fonéticas e morfológicas das línguas. Dessa forma, a descrição não era feita por meio de uma análise interna dela mesma, mas pela comparação com outras diferentes línguas (Mussalin, 2008), configurando uma abordagem apenas histórica. Diferentemente, a fonologia moderna vale-se da análise fonológica centrada em relações internas do sistema linguístico, a partir de pressupostos mais formalizados e fundamentados em teorias linguísticas.

Destarte, ao focar a fonética histórica entre as línguas, sem uma teoria formal sobre o funcionamento do sistema linguístico, a gramática comparada fica limitada à explicação baseada

apenas na comparação entre línguas. Por sua vez, os métodos da fonologia moderna (através dos modelos estruturalista e gerativista) possibilita uma compreensão mais sofisticada e explicativa nos estudos linguísticos. É preciso, no entanto, considerar os limites de cada abordagem em relação ao contexto histórico em que se desenvolveram.

Para tanto, apresenta-se, a seguir, o quadro comparativo entre a gramática comparada e a fonologia moderna sintetizando e resumindo seus principais pontos:

Quadro 1 - Contraposições entre os métodos da Gramática Comparada e da Fonologia Moderna

	Gramática Comparada	Fonologia Moderna
Desenvolvimento	Século XIX	Século XX
Principais representantes teóricos	Franz Bopp, Jacob Grimm, Rasmus Rask	Saussure, Trubetzkoy, Chomsky & Halle
Concepção de língua	Organismo em evolução	Sistema estruturado e regido por regras
Objetivo	Estudo comparativo entre línguas de origem comum, a fim de reconstituir a chamada protolíngua	Explicar o funcionamento do sistema linguístico
Nível de análise	Fonético e morfológico (focava em palavras, morfemas, sons isoladamente)	Fonológico (fonemas, traços distintivos, etc.)
Dimensão temporal	Abordagem diacrônica	Abordagem sincrônica
Método de descrição	Comparação empírica entre línguas da mesma família	Análise interna do sistema linguístico
Contribuições	Leis fonéticas, regularidades na mudança dos sons	Conceito de fonema, neutralização, traços distintivos, avanço explicativo na fonologia

Fonte: Elaboração dos autores (2025) com base em Saussure (2012), Linhares (2015), Robins (1988), Trubetzkoy (1973), Chomsky e Halle (1968).

Com base no quadro 1 e na discussão ao longo das seções deste trabalho, é notório que entre a gramática comparada e a fonologia moderna aconteceu não só uma evolução metodológica, mas também uma mudança de paradigma. A concepção de língua e a escolha pela abordagem sincrônica

no início do século XX, pelos estruturalistas, marcam uma ruptura com a tradição comparatista e histórica dos estudos linguísticos do século XIX, trazendo à tona novos objetos de estudo e novas formas de ver e conceber a língua. Vale salientar, no entanto, que, apesar de dar ênfase ao estudo sincrônico, Saussure não negava a interdependência sincronia/diacronia, pois, como adverte Faraco (2005), todo fato sincrônico tem uma história e, para o estudo diacrônico, é fundamental trabalhar com todas as fases da transformação, isto é, comparar os diferentes estados sincrônicos envolvidos.

Em vista disso, apesar de apresentarem paradigmas diferentes, os métodos da gramática comparada e da fonologia moderna não se excluem, mas contribuem para o refinamento epistemológico para o desenvolvimento da ciência linguística ao longo do tempo, visto que, como destaca Mathesius (1983), o progresso científico ocorre tanto pela continuidade quanto pela renovação dos métodos.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, objetivou-se, de modo claro, comparar os métodos da Gramática Comparada do século XIX com aqueles utilizados pela Fonologia Moderna, através de uma linha do tempo desde Saussure e os estruturalistas até os modelos gerativos, visando explicitar as continuidades e inovações que caracterizam a evolução do pensamento fonológico, a partir de uma abordagem historiográfica de natureza comparativa. Nesse sentido, discutiu-se sobre quais eram as principais rupturas, em termos metodológicos, dos métodos científicos cotejados.

Com base na comparação e discussão dos métodos da Gramática Comparada e da Fonologia Moderna desenvolvidas ao longo deste trabalho, foi possível concluir que a história dos estudos linguísticos é marcada por um movimento contínuo de permanências, rupturas e inovações metodológicas, refletindo transformações mais amplas nos modos de conceber a linguagem enquanto objeto de investigação científica.

Nessa perspectiva, destaca-se que a Gramática Comparada, ao privilegiar uma abordagem diacrônica e empírica, legou importantes contribuições para o entendimento da mudança sonora e da relação entre línguas aparentadas, sobretudo por meio do estabelecimento das leis fonéticas e da reconstrução de formas linguísticas anteriores. Por sua vez, a Fonologia Moderna, em especial a partir do Estruturalismo e do Gerativismo, introduz um novo olhar para o estudo da língua, enfatizando a organização interna do sistema fonológico e propondo modelos teóricos mais formais e explicativos, capazes de descrever e prever os processos linguísticos de maneira mais sistemática e abstrata.

Não obstante os métodos possuírem focos e óticas diferentes para sistematização do pensamento fonológico, é indubitável que cada um contribuiu para o desenvolvimento da fonologia, tal como se vê hoje, enquanto campo de estudos consolidado que conta com investigações precisas acerca do fazer científico nos estudos das línguas naturais.

Referências

- BISOL, L (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961 [1933].
- CHOMSKY, N. A. **Current issues in linguistic theory**. Paris: Mouton, 1970.
- CHOMSKY, N. A.; HALLE, M. **Principes de phonologie generative**. Tradução: Pierre Encrevé. Paris: Seuil, 1973.
- CHOMSKY N. A.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. **The geometry of phonological features**. *Phonology Yearbook*, [s.l.], v. 2 1985. p. 225-252.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- HYMAN, L. M. **Phonology: Theory and Analysis**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.
- JAKOBSON, R.; FANT, G.; HALLE, M. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.
- JAKOBSON, R. **Fonema e Fonologia**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- LINHARES, A. A. Gramática histórico-comparativa: contribuições para a formação de línguas modernas. **Verbum – Cadernos de Pós-Graduação**, [s. l.], n. 7, p. 34-46, 2015.
- MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-70.
- MILANI, S. E. **Da Filologia, da Gramática Comparada, da Neogramática à Historiografia Linguística**. 2008. In: SIMELP - Seminário Mundial de Língua Portuguesa. São Paulo: SIMELP, 2018. p. 1-20.
- MUSSALIM, F; BENTES, A. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008.
- PAVEAU, M; SARFATI, G. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PIKE, K. L.; PIKE, E. **Immediate constituents of mazateco syllables**. *The University of Chicago: International Journal of American Linguistics*, n. 13, 1947. p. 78-91.
- ROBINS, R. H. A linguística histórica e comparativa do séc. XIX. In: ROBINS, R. H. **Pequena história**

da lingüística. Tradução: Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Editora ao livro técnico, 1988. p. 132-159.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2012.

TRUBETZKOY, N. S. **Principios de fonología.** Buenos Aires: Cincel, 1973.